

Autor Louzeiro, JoséAssunto "Cabeças cortadas"-criticaFonte JBrasil-Serviço nº 172Data 15 / 6 / 79**"CABEÇAS CORTADAS"****NÃO CONVENCIONAL**

★★★★ É um discurso estético, antiespetáculo, altamente metafórico, sem qualquer vínculo com a narrativa cinematográfica convencional. Nesta fita, muito mais do que em Deus e o Diabo na Terra do Sol ou em Terra em Transe, Glauber Rocha mostra toda a vitalidade do seu vanguardismo. Para ele já não tem função os ganhos do realismo, do neo-realismo e o pêndulo psicológico deixou de oscilar. Sua proposta é da imagem que, gerada a partir do emocional, circunscreve-se em um universo fechado. Todavia, não estamos di-

ante de um cineasta reacionário. Muito ao contrário. Glauber sublinha em traços fortes o drama popular e alia a esse drama o desespero do ditador que, tendo perdido o poder de mando, deseja imortalizar-se a qualquer custo, mesmo que, para isso, tenha de humilhar-se diante de todos aqueles que afligiu. A simbologia é perfeita porque para Glauber Rocha o mundo está dividido entre diabos perseguidos e demônios perseguidores, segundo o conceito pessimista de Schopenhauer.

Lamentavelmente, Cabeças Cortadas não levará multidões ao cinema. Mas, quem desejar atualizar-se, não poderá deixar de ver e rever este filme. Eu o encaro como amargo e desesperançado poema. Algo a lembrar os cantos medievais do líbrico, satânico e lírico François Villon; algo a lembrar a aparente inocuidade de um Quixote, com seu pacífico assessor de infortúnios Sancho Pança.

Do ponto-de-vista político, mostra-nos Glauber Rocha que o mundo do artista cobre-se de pedras, as planícies são áridas, os caminhos se fecham, mas a cabeça do ditador pode rolar, sob o ação da foice camponesa. Esta paráfrase transforma Cabeças Cortadas em um grito estilizado da mais lúcida revolta. A expressiva fotografia é de Jaime Deu Casas.



Francisco Rabal e Pierre Clementi em *Cabeças Cortadas*, de Gláuber Rocha

José Louzeiro

GR-CA 02/012